

PELA CENTRALIDADE DE UM JORNALISMO DE PERIFERIA

*FOR THE CENTRALITY OF
PERIPHERAL JOURNALISM*

Alexsandro Teixeira Ribeiro

alexandrotribeiro@gmail.com

Doutorando em sociologia (UFPR) e
professor do Centro Universitário Uninter

DOI: 10.21882/ruc.v8i14.821

Recebido em: 19/03/2020

Aceito em: 11/06/2020

128

Resenha do livro:

CARVALHO, Guilherme. (Org). **Jornalismo e cidadania**: iniciativas colaborativas, alternativas, comunitárias, populares e sindicais no Brasil. Curitiba: Intersaberes, 2020.

Nem só de receitas, de palavras-chaves mais buscadas, SEO, publicidade e tráfego vive o jornalismo na atualidade. Em tempos de repensar o modelo de negócio no campo da informação, lançar um debate para jornalismo que estão à margem do cenário mercadológico e de postura comercial é um desafio ainda maior. Mais valente ainda quando a provocação é para uma reflexão dentro da faculdade, com foco na formação dos futuros jornalistas. Não se trata de demonizar a ideia do consumo da informação, mas é preciso reconhecer a primazia da função emancipatória do jornalismo, sobretudo junto às minorias e aos vulneráveis socialmente.

Se algumas grandes redações buscam na amplitude do público uma forma de recortar a realidade para atender a maioria pagante ou visível para o mercado, é necessário fomentar outros espaços jornalísticos que

se contrapõem a este cenário. É na minoria silenciada e nas categorias oprimidas que estes que “outros jornalismo” encontram a forma de atuação, as linhas da narrativa, e um enquadramento social. Aqui, o contrato de fala é estabelecido na legitimidade que o cidadão concede ao meio.

Esta é a preocupação central no debate lançado pela obra “Jornalismo e cidadania: iniciativas colaborativas, alternativas, comunitárias, populares e sindicais no Brasil”, recém-lançada pela editora curitibana Intersaberes, para a série “Excelência em Jornalismo”, organizada pelo pós-doutor em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e coordenador do curso de bacharelado em jornalismo, Guilherme Carvalho, com artigos de reconhecidos pesquisadores sobre o jornalismo além da fronteira comercial. E não há como ter uma biblioteca exemplar de jornalismo sem se debruçar sobre um jornalismo que é operado na comunidade, com foco na identidade e na representação das pautas das minorias, com fortes posições em defesa da participação cidadã na coisa pública, e com viés de luta por direitos classistas.

De um leitor que deixa sua função de consumidor para assumir um papel ativo na decisão da pauta e da notícia, ao trabalhador que na luta de classe encontra no jornalismo uma forma de defesa e de resistência no processo de disputa pela hegemonia, não apenas pelos seus direitos, mas pelo poder de narrativa da realidade. A voz e a vez dos grupos sociais que passam ao largo das pautas da mídia convencional.

O livro não se propõe a levantar bandeiras ou elevar modelos como baluarte do bom jornalismo, mas sim evidenciar que há vida para além do mainstream. E com isso marca um ponto positivo, ao ser didático, com foco na graduação, e pontuar aspectos positivos e críticas aos jornalismo cidadão, cívico, comunitário, alternativo, independente, sindical, popular e colaborativo. O fundamental disso, é expandir a visão de que a qualidade tem a ver com a proporcionalidade de tecnologia e de recurso. É muito mais propósito social e utilidade pública que isso.

Há um espaço a se ocupar com novas iniciativas de quem sai da academia e se volta para a vida profissional, que é mais que a bancada ou redações de jornais badalados. Mais que isso, tem um país que clama por inclusão no mundo midiático noticioso, e aqui encontramos propostas de jornalismo que dariam representatividade. Na mesma medida em que novos veículos digitais alternativos e independente surgem na rede diariamente, como destaca o mapa da Agência Pública¹, nos deparamos com uma brutal realidade de um Brasil² com mais de 60% dos municípios sem jornal, sem emissora e

sem canal de TV. Ou seja, 3,4 mil cidades que são desertos de notícias. O que elas fazem, as históricas que elas comportam, as vidas que pulsam nelas, não têm voz, não tem vez.

Neste aspecto, o livro é alentador por nos dar uma visão ampla dos conceitos dos jornalismo de periferia do cenário convencional, seus exemplos, e sobretudo, as críticas que lhes cabem nos ombros. De forma velada, podemos perceber na divisão dos temas pelos capítulos que a obra passa de uma participação mais ativa do cidadão na produção da notícia, para o foco em atividades de contra-hegemonia, e por fim, para um jornalismo classista e popular. Mudam os focos, mudam as lentes, mudam as linhas gerais. Contudo, o compromisso de incentivo ao senso crítico e à valorização da cultura popular.

Não de trata apenas de nomenclaturas vãs, como jornalismo isso ou jornalismo aquilo. Mas sim de posturas específicas tanto do jornalista quanto do veículo, cujos contornos podemos encontrar no campo desde o começo da imprensa no mundo.

Se a legitimidade do jornalismo está na capacidade de conceder ao cidadão as bases informativas para que ele possa exercer sua cidadania e, no pressuposto da liberdade, se autogovernar (KOVACH, 2003, p.31), na outra ponta, é preciso pensar, que recorte é esse de realidade que integra o indivíduo à sociedade, e o que faz sentido em seu universo. O jornalismo, como preconizou Adelmo Genro Filho (1987), tem suas regras e maneira própria de apreender e representar a realidade, de produzir seus acontecimentos, os fatos jornalísticos. Curiosamente, mesmo que eles existam antes mesmo do olhar da

¹ Disponível em: <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>

² Disponível em: <<https://www.atlas.jor.br/>>

notícia. Nestas posturas jornalísticas referidas no livro, é o significado do mundo para o leitor e como a notícia pode atuar na integração social é que determina o recorte da realidade.

E isso fica claro nas propostas dos autores. A porta de entrada deste universo está na conversão da ideia de consumidor para ideia de cidadão. O artigo/capítulo da doutora em comunicação, Cíntia Xavier, o leitor encontrará as facetas do conceito de jornalismo cidadão, partindo da ideia de uma tribuna aberta para a participação do leitor/cidadão como agente na formação do jornal, bem como a suas críticas sobre as fragilidades desta abordagem; passando pelo conceito de um jornalismo voltado para a cidadania, em que não necessariamente o leitor seja um ator, mas cujo jornal o promove a ser um ator social; desembocando na ideia de um jornalismo inclusivo e democrático, que ultrapassa a suposta participação para encontrar no público agentes que farão do jornal uma arena deliberativa. Os exemplos para expressar este último conceito, Xavier encontra em experiências como as edições nacional e regionais do jornal Brasil de Fato, no Diário Catarinense e no portal comunitário em Ponta Grossa.

Na sequência, o leitor pode se aproximar às práticas jornalísticas que encontram no leitor um ator importante para a produção do jornalismo, ou ainda nas formas de produção da notícia com colaboração entre os profissionais da notícia. O desafio, encabeçado pela pós-doutora em jornalismo digital pela Université Lyon 2 Lumière, Myrian Del Vecchio de Lima, é o de entender o colaborativismo no jornalismo a partir do cenário pós internet e problematizar as mais variadas formas de participação do cidadão

na notícia. Em um primeiro ponto, colaborativismo é visto pela autora como a produção interempresarial, quando jornalistas ultrapassam os limites da própria instituição com foco na notícia. O universo online e compartilhado permite cenas como Panama Papers ou Diários Secretos. Mais que uma postura do leitor no processo, os exemplos nos ajudam a perceber como o furo pode ser perseguido a quatro ou mais mãos.

Algumas iniciativas nativas digitais nascem com essa perspectiva colaborativa no seu DNA, como destaca Guilherme Carvalho ao abordar sobre os conceitos do jornalismo alternativo. Reunindo a experiência de quem se debruçou sobre o assunto nos últimos seis anos, sobretudo à frente de um grupo de pesquisa com foco em analisar as características que delimitam o jornalismo alternativo no universo digital, Carvalho dá um plano geral para o leitor sobre a história disputa pela hegemonia a partir da imprensa, e em como isso se expressa no conceito atual da veia alternativa. É a disputa pela narrativa, por recortes diferenciados da realidade, por fontes e especialistas que permitem outras visões dos fatos jornalísticos que estão no centro do debate aqui entre o convencional e aquilo que se coloca com outra via. Em meio a isso, alternativo, como o que se contrapõe a um projeto de poder ou visão de poder, e independente, como aquele que se sustenta com bases financeiras descoladas das instâncias de decisões do jornal, são termos que suscitam conceitos não necessariamente obrigatórios simultaneamente, mas muitas vezes complementares nas iniciativas alternativas.

A internet que impulsiona os veículos alternativos é a mesma que revitaliza as formas de comunicação que encontramos no

seio das comunidades. Quando a imprensa comercial não representa a voz do bairro, o que integra são as práticas comunicativas que criam a unidade e o reconhecimento. Nesta base, é a doutora em comunicação e especialista em pesquisas sobre comunicação popular, alternativa e comunitária, Maria Alice Campagnoli Otre, que nos conduz para dois conceitos que aproximam o jornalismo do seio do espaço comunitário. Um deles, mais focado nas pessoas, na identidade cultural e em como dar voz e vez das pessoas na luta pelos objetivos comuns, é o jornalismo comunitário. Nele, o jornalista atua de forma horizontalizada com os membros da comunidade debatendo pautas, entendendo as demandas sociais, e criando um veículo que se torna didático, integrador e ao mesmo tempo uma ferramenta de engajamento. Na outra ponta, o vínculo não são as pessoas, mas o local. Aqui é o Jornal de Bairro que assume o espaço, com foco no que ocorre na localidade, independentemente da comunidade ser integrada, coesa ou não. As lógicas de produção são, neste aspecto, menos democráticas e mais centralizadas no dono do jornal.

Para além do jornal de bairro, o jornal popular também encontra ecos de uma produção mais focada em serviços e em atender o interesse do público que se preocupar com o interesse do público. Contudo, nossos conceitos anteriores sobre o jornalismo popular são conduzidos para uma interpretação mais ampla pela jornalista e pós-doutora pela Escola de Pós-Graduação do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CI-ESPAL, Quito/Equador), Karina Janz Woitowicz. Especialista em temas como mídia alternativa, estudos de gênero e jornalismo cultural, Woitowicz tenciona a ideia de po-

pular como público-alvo de um jornal com veia comercial acirrada e com compromisso com o lucro e sensacionalismo, e um jornalismo que se desenvolve na perspectiva do popular com ecos de folkcomunicação, como destacado por Luiz Beltrão. Pensar o popular como lugar de fala, e não apenas um lugar de recepção, portanto, é a abordagem que expande os olhares do aluno, sobretudo baseando-se nas referências latino-americanas de pesquisas em comunicação popular.

O popular tem um lado na sociedade, e é a parte que no paradigma materialista está concentrada justamente na ponta mais frágil, mesmo que volumosa. A perspectiva de classe, assim, é algo que podemos observar a partir de algumas formas jornalísticas, como a sindical, que há mais de cem anos no Brasil, entre imprensa operária, comunicação sindical e jornalismo sindical, vem atuando na luta e no engajamento das categorias trabalhadoras e patronais. O jornalismo e comunicação sindical, campo profissional que abraça vários jornalistas que saem das academias e das redações, é delineado pelo doutor em comunicação, Toni André Scharlau Vieira, que revisita conceitos debatidos no livro *Comunicação Sindical: Proposta de uma Política Para as Entidades*, resultado de sua dissertação de mestrado. O que resta de jornalismo nas lógicas de produção da comunicação nas instituições sindicais, as etapas evolutivas e sobretudo, e o futuro incerto do meio com as reformas trabalhistas do Governo Temer em 2018, que tolheram do movimento sindical sua principal forma de custeio, são destaques no debate sobre a produção na disputa de classes e o papel do jornalismo como agente engajador e mobilizador.

O resultado final do livro é um rol de práticas jornalísticas que expande o olhar do aluno e futuro jornalista para muito mais que veículos comerciais e grande imprensa. Este universo, que é tão antigo quanto o próprio jornalismo, encontra no interesse público sua principal baliza de manifestação do jornalismo. Aqui o aluno descobre que o jornalismo, imerso nas práticas sociais e nas relações de poder, é muito mais complexo que uma descrição em um manual de redação, e que existem linhas, muitas vezes difusas, que marcam os limites desta prática plural. Uma leitura fundamental para orientar quem vai atuar dando os contornos de realidades e dando voz à sociedade.

Referências

CARVALHO, Guilherme. (Org). **Jornalismo e cidadania: iniciativas colaborativas, alternativas, comunitárias, populares e sindicais no Brasil**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

KOVACH, Bill. **Elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.